

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Instituto Multidisciplinar
Departamento de História e Economia

**Apostasia Solar. Juliano (361 – 363 d.C) e a
Retomada do Culto Solar**

Nova Iguaçu

2013

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as religiões orientais no Império Romano, mais especificamente o Culto Solar no período do Imperador Juliano, ou seja, uma época posterior ao Édito de Milão elaborado por Constantino concedendo a liberdade de culto aos cristãos. O trabalho apresenta como fonte um Hino de devoção ao deus solar Helios elaborado por Juliano, presente no livro *The Works of the Emperor Julian*, onde o autor Wilmer C. Wright traduz o original do grego para o inglês. Para ampliar as análises de pesquisa na busca pelos motivos que levaram Juliano a retomar o Culto Solar, tomaremos como base o período de Akhenaton no Egito durante o reino novo.

Eduardo Belleza Abdala Miranda

**Apostasia Solar. Juliano (361 – 363 d.C) e a
Retomada do Culto Solar**

Monografia apresentada ao curso de História
como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciado em História, do Instituto
Multidisciplinar da Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Marcos José de Araújo Caldas

Nova Iguaçu
2013

Eduardo Belleza Abdala Miranda

Apostasia Solar. Juliano (361 – 363 d.C) e a Retomada do Culto Solar

Monografia apresentada ao curso de História
como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciado em História, do Instituto
Multidisciplinar da Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos José de Araújo Caldas - UFRRJ

Prof. Dr. Manuel Rolph de Viveiros Cabeceiras - UFF

Prof^a. Dr^a. Renata Rozental Sancovsky – UFRRJ

ABSTRACT

This study aims to analyze the Eastern religions in the Roman Empire, specifically the Solar Cult in the period of the Emperor Julian, in other words, a time after the Edict of Milan by Constantine prepared granting freedom of worship to Christians. The paper presents a Hymn as a source of devotion to the sun god Helios prepared by Julian, present in The Works of the Emperor Julian, where the author Wilmer C. Wright translates the original Greek into English. To broaden the analysis of research in the search for the reasons Julian to retake Solar Cult, we will build on the period of Akhenaten in Egypt during the New Kingdom.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que sempre me apoiaram e incentivaram a lutar por meus objetivos.

À minha namorada, Caroline Fontes, que sempre me deu inspiração e me apoiou em todos os momentos, me dando força para continuar meu trabalho.

Aos meus irmãos, Vinicius Abdala e Danyel de Argolo, que sempre me serviram de espelho por suas conquistas pessoais e profissionais.

À minha cunhada, Maressa, por tudo o que ela sempre fez por mim, por todas as conversas e auxílios que sempre me deu.

Ao meu primo, João Guilherme, que sem dúvida influenciou bastante no meu gosto e em minha escolha para me tornar um Historiador.

Ao meu orientador e amigo, Marcos Caldas, com quem sempre aprendo algo novo em cada conversa, e quem me apresentou ao tema pelo qual me encantei.

Um dos grandes deveres da Universidade
é implantar suas praticas profissionais no
seio de seu povo.

Ernesto Che Guevara.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa. Todos
nós ignoramos alguma coisa. Por isso
aprendemos sempre.

Paulo Freire.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 CONSTANTINO E A “TOLERÂNCIA” AO CRISTIANISMO.....	10
2.1 CARACTERÍSTICAS DOS CULTOS SOLARES.....	12
3 OS CULTOS ORIENTAIS E O REGRESSO À DIVINDADE SOLAR.....	14
3.1 ANÁLISE DO HINO AO DEUS HELIOS.....	23
4 ANTES DE JULIANO, AKHENATON.....	32
5 CONCLUSÃO.....	43
6 BIBLIOGRAFIA.....	46
7ANEXOS.....	49

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as religiões orientais presente no Império Romano. Neste projeto consideraremos especificamente o Culto Solar no período do Imperador Juliano (361 – 363 d.C.), procurando analisar os motivos que levaram Juliano a reerguer os cultos pagãos, em um momento da história do Império Romano em que Constantino já havia proibido a perseguição aos cristãos e dado liberdade de culto a eles a partir do Édito de Milão (313 d.C). As análises serão feitas a partir do estudo da fonte, um Hino em devoção ao deus Helios elaborado pelo próprio Imperador Juliano, presente no livro *The Works of the Emperor Julian*, onde o autor apresenta o original em grego e a tradução para o inglês.

Buscaremos então, num primeiro momento investigar os atos de Constantino ao estabelecer um Édito de Tolerância aos cristãos, na tentativa de avaliar os possíveis motivos para a aproximação com os cristãos. Devemos avaliar também as afirmações de alguns historiadores que apresentam Constantino como um Imperador que se converteu ao cristianismo, até que ponte essa análise é legítima, teria Constantino se convertido ao cristianismo? Ou seria apenas uma aproximação com interesses políticos?

Examinando essas questões, poderemos contestar, a afirmação de muitos pesquisadores que apresentam o Imperador Juliano como um apostata, ou seja, aquele que nega uma fé anterior. Já que Juliano teria, segundo alguns historiadores, abandonado a fé cristã quando procura restaurar os cultos pagãos, que já não eram atrativos como antes, e que declinavam cada vez mais com o crescimento do cristianismo.

Devemos explorar então os cultos orientais, e compreender como tais cultos penetraram no Império Romano, como eles se manifestaram, como eles foram recebidos, como eles se permutaram com os cultos romanos. A partir dessa análise perceberemos que os cultos orientais estão presentes no Império Romano, desde Augusto (27 a.C – 14 d.C), e perceberemos principalmente a relação e associação de poder do Imperador com divindades solares.

Mas os motivos que levam Juliano a retomar antigos cultos não se caracterizam apenas por motivos religiosos, devemos perceber os motivos políticos. Mas para isso devemos retomar um período em que o Imperador assume o principal papel no Império Romano, um período em que o Imperador é o principal responsável por todas as questões políticas, sociais

e religiosas, é o momento da história do Império Romano que conhecemos como Dominato. Porque é nesse período que encontraremos as principais características do governo de Juliano.

Após a compreensão do contexto histórico e das análises historiográficas em cima do período de Juliano, e dos períodos anteriores que influenciam nas ações do Imperador pagão, finalmente analisaremos o hino elaborado por Juliano em veneração ao deus Helios. Podemos encontrar o “Hymn to King Helios” em grego escrito pelo Imperador Juliano. No presente trabalho a análise será elaborada com base na tradução feita para o inglês, e as traduções para o português das passagens que serão retiradas do hino serão autônomas.

Veremos que Helios, divindade solar grega, está associado a imagem de Invitus, divindade solar romana, e que há inúmeras discussões se a figura de Helios também aparecer associada a figura de Mitra, divindade solar Iraniana, no entanto, veremos que esta última associação pode não ser correta, ou pode não existirem documentações suficientes em que elas apareçam relacionadas.

Todas essas questões nos levaram a uma hipótese, mas que para seja melhor avaliada, voltaremos um pouco mais na história para analisar um período que também foi marcado por um “revolução” política e religiosa a partir de um culto Solar. Sendo assim, analisaremos o período que corresponde ao Reino Novo no Egito do faraó Akhenaton (1351 – 1334 a.C. aproximadamente), marcado por sua devoção a divindade do disco solar, Aton.

Quando o presente trabalho retorna ao período de Akhenaton, não tem o objetivo de compará-lo com o período do Imperador Juliano, são regiões, costumes e épocas diferentes, o objetivo é demonstrar que Juliano não seria o único e nem o primeiro governante na história que procurou se afirmar politicamente pelo viés religioso a partir da devoção à uma divindade solar.

Sendo assim, a partir das informações que nos serão dadas no decorrer do trabalho, poderemos então encontrar algumas respostas, mesmo que hipotéticas, sobre quais seriam os objetivos de Juliano ao afirmar seu poder político a partir do culto solar?

2 CONSTATINO E A “TOLERANCIA” AO CRISTIANISMO

O Império de Constantino (306 – 337) foi marcado por sua permissão aos cultos cristãos e proibição a perseguição destes, ato conhecido como Édito de Milão (313 d.C.), ou Édito de Tolerância. Por este motivo ele é classificado como sendo o primeiro Imperador cristão.¹ Em uma passagem do livro *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia, encontramos uma passagem referente ao Édito:

Quando eu, Constantino Augusto, e eu, Licínio Augusto, nos reunimos felizmente em Milão e nos pusemos a discutir tudo o que importava ao proveito e utilidade públicas, entre as coisas que nos pareciam de utilidade para todos em muitos aspectos, decidimos sobretudo distribuir umas primeiras disposições em que se asseguravam o respeito e o culto à divindade, isto é, para dar, tanto aos cristãos quanto a todos em geral, livre escolha para seguir a religião que quisessem, com o fim de que tanto a nós quanto aos que vivem sob nossa autoridade nos possam ser favoráveis a divindade e os poderes celestiais.²

A possível conversão de Constantino para o cristianismo foi marcada, segundo relatos históricos³, por uma experiência mística que teria vivido. De acordo com os relatos, Constantino teria tido uma visão. O soberano teria visto uma cruz no céu e ouvido a seguinte frase “toutô nika” que significa, “por este sinal vencerás”, isso aconteceu em 312 d.C. durante a batalha da Ponte Mílvia, contra Licínio. Após a vitória, Constantino que antes não possuía um pensamento teológico ou filosófico, passa a cultuar Jesus. Antes desse acontecimento, o Imperador cultuava Apolo.⁴

Após sua provável conversão o Imperador concede liberdade aos cultos cristãos através do Édito de Milão em 313. Assim o Imperador decreta que o Império não intervirá mais nos cultos religiosos e declara o fim das perseguições aos cristãos. Constantino foi responsável por grandes reformas em seu governo, principalmente reformas religiosas,

¹ Muitos historiadores não classificam Constantino como cristão, já que mesmo cedendo liberdade de culto aos cristãos, ele não acaba com os cultos pagãos.

² CESARÉIA, Eusébio. *História Eclesiástica*. São Paulo: Novo Século, 2002. p. 216.

³ HEIM, François. *Constantino e o Cristianismo*. Arquivos História Viva, volumen 5: os melhores artigos sobre Roma / Lílana Pinheiro. Rio de Janeiro: Duetto, 2009. p.60

⁴ Deus do Panteão Greco-Romano. Apolo é conhecido como o sol e a luz da verdade.

RIBEIRO JR, Wilson Alves. Hélio, Deus Sol. In; Hinos Homéricos. São Paulo: Editora Unesp. 2010. P.368 – 381.

baseadas nos costumes morais, condenando atos como o divórcio e a prostituição, e defendendo os escravos, prisioneiros, órfãos e viúvas⁵. Segundo os relatos, o Imperador manteve o paganismo como a religião oficial do Estado, manteve o financiamento por parte do Estado aos templos pagãos e ao seu corpo sacerdotal⁶. Logo podemos deduzir que não houve perseguição aos pagãos e nem proibição a seus cultos⁷. A grande mudança, é que os membros da Igreja cristã passaram a gozar dos mesmos direitos que gozavam os sacerdotes pagãos.

Alguns historiadores mais antigos acreditam que as medidas tomadas por Constantino foram elaboradas com o objetivo de que no futuro o cristianismo se tornasse a religião oficial do Estado.⁸ O que é contestável, já que Constantino foi criado sob os valores do Culto a Invictus, a religião oficial de Estado desde Aureliano (270 – 275 d.C)⁹

Segundo alguns historiadores, Constantino passou a seguir fervorosamente os costumes cristãos e aboliu ações cruéis que eram praticadas pelos romanos, como, por exemplo, a crucificação, além de proibir sacrifícios¹⁰. O Imperador exaltou lugares onde o cristianismo era cultuado, erguendo diversas basílicas, principalmente em Roma e na região da Palestina. Tamanha era a devoção de Constantino que ele ergue a cidade de Constantinopla com características completamente diferentes da arquitetura pagã¹¹. Mas em nenhum momento ele proibiu o povo romano de seguir os cultos pagãos¹². É importante salientar que Constantino, mesmo atendendo certos interesses cristãos, permanece como Pontifex Maximus e participa de cerimônias pagãs, já que o corpo sacerdotal permanecia, em sua maioria, pagão.¹³

⁵ HEIM. Op.cit . p.60

⁶ Idem. Ibidem

⁷ No máximo o que se pode encontrar são relatos de proibição de alguns sacrifícios.

⁸ GIBBON, Edward. Declínio e Queda do Império Romano. São Paulo: Companhia das Letras: Circulo do Livro, 1989. 506p.

⁹ BROWNING, Robert. The Emperor Julian. California: University of California Press. 1978. 280p.

¹⁰ Idem. Ibidem

¹¹ Idem.Ibidem

¹² Idem.Ibidem

¹³ BROWNING. Op. cit. 280p.

Mas toda essa devoção do Imperador pelo cristianismo pode ter ocorrido por medo e por interesses políticos, não somente por uma questão de fé, como nos mostra o historiador Jaques Gaillard:

O cristianismo não acelerou nenhuma queda, não corrigiu regressão alguma, nem tampouco marcou rupturas: ele interveio, de início, como uma lenta mutação cultural, e, depois, com o Édito de Milão que o “legalizou”, como uma possível solução política para a recuperação da unidade.¹⁴

Podemos considerar tal hipótese como válida, já que nesse período o Império Romano do Ocidente estava em declínio e o cristianismo crescia cada vez mais.¹⁵ Desse modo o Imperador Constantino se aproxima dessa nova crença para não correr o possível risco de perder a devoção de seu povo e consequentemente perder sua força política.

A política de Constantino se voltava para a reunificação do Império. Ele toma medidas como: o aumento da quantidade de moedas de ouro que circulavam, mantendo uma relação estável entre o ouro e outros metais menos nobres.¹⁶ Mas talvez o fator decisivo para seu sucesso tenha sido a confiança política que ele adquirira por suas vitórias.¹⁷

2.1 CARACTERÍSTICAS DOS CULTOS SOLARES

Os cultos que serão analisados no decorrer deste trabalho são os cultos do deus Sol Helio e do deus Sol Invictus. Apostaremos as principais características dos deuses para que possamos diferenciá-los, já que muitos autores associam as religiões solares como se todas possuíssem os mesmos atributos.

Primeiro compreenderemos a tipologia do deus sol Helio, um deus grego, o sol personificado, cultuado provavelmente desde o período paleolítico da civilização grega¹⁸. Sua imagem é de um jovem conduzindo uma carruagem puxada por cavalos alados em uma abóboda celeste com raios luminosos saindo da cabeça do deus. O poder dos raios aguçava a

¹⁴ GILLARD, Jaques. *Roma. Esplêndida decadência*. Arquivos História Viva, volumen 5: os melhores artigos sobre Roma / Liliana Pinheiro. Rio de Janeiro: Duetto, 2009. p.50.

¹⁵ Idem. *Ibidem*

¹⁶ BROWNING. *Op. cit.* 280p.

¹⁷ Idem. *Ibidem*.

¹⁸ RIBEIRO JR. *Op. cit.* p.368 – 381.

imaginação e podia curar doenças segundo os relatos.¹⁹ A figura do sol possuía características divinas, para os mais antigos, pela força de seus raios, não sendo possível olhar diretamente para ele por muito tempo.²⁰

O culto ao Sol Invictus idealizado por Aureliano ganhou força no Império de Heliogábalo. O Sol Invicto era o deus universal, invisível, que no despertar do dia ressurgia vitorioso. O culto ao deus Sol Invicto era realizado em lugares públicos, era uma religião pública vinculada ao Estado Romano, o *Pontifex Dei Solis*, ou seja, o sumo Pontifex, que era quem presidia as cerimônias e festejos.²¹

É importante perceber que por mais que os cultos e os deuses se aproximem, eles possuem suas próprias características, já que para os gregos Helio não está associado ao deus sol romano, Invictus. A associação de um deus com o outro acontece somente entre os romanos, ou seja, Invictus está associado à figura de Hélios, por conta desta relação é que nas moedas romanas em que o deus sol aparece o nome é Invictus, mas a imagem é a de Hélios em sua carruagem puxada por cavalos alados. (Ver figuras 1 e 2)²²

¹⁹ Idem. Ibidem.

²⁰ RIBEIRO JR. Op. cit p.368 – 381.

²¹ GARCÍA, Paloma A. Religión y Política Religiosa Del Emperador Caracalla. Espanha. Universidad Complutense.2003. 409p.

²² As figuras encontram-se na folha de anexo ao final do texto.

3 OS CULTOS ORIENTAIS E O REGRESSO À DIVINDADE SOLAR

Para compreendermos os acontecimentos que correspondem ao período que vai de 361 a 363 d.C. devemos analisar o Império de Diocleciano (284 – 305 d.C), o tempo da Tetrarquia, já que esse período é marcado pelo que se conhece como Dominato. O Império Romano se divide em dois períodos, o Principado e o Dominato. Esta última eclodiu quando Diocleciano modifica certas estruturas administrativas e sociais.²³ O Imperador procurou combater a inflação por uma política de fixação de preços.²⁴ Elaborou-se então um decreto com as definições dos preços de cada mercadoria, com sérias medidas de punição para quem violasse a lei e cobrasse acima do preço fixo.

Até Diocleciano as leis que fossem sugeridas pelos Imperadores passavam por uma aprovação do Senado. Agora o vínculo do Senado com o Império perdera força, e as decisões das questões políticas e administrativas do Império ficariam nas mãos do *Imperator*, o soberano do mundo Romano.²⁵ Assim, todos os poderes estavam centralizados nas mãos do Imperador. Diocleciano era responsável por um novo sistema, uma nova relação entre Estado e cidadão, o Imperador não era mais *o primus inter pares*. Agora ele retomaria o *Dominus et Deus*, e esse epíteto *Dominus* não significava a autoridade de um príncipe sobre seus súditos, mas sim o poder despótico de um amo sobre seus escravos.²⁶

É importante salientar que essa denominação e essa tentativa de centralização do poder, não idealizado por Diocleciano, mas sim por Domiciano (81 – 96 d.C.) ainda na Era do principado, mas sua tentativa de ser considerado *Dominus et Deus* não seguiu adiante com seus sucessores, até a Tetrarquia.²⁷

O Império de Juliano é marcado por esse período em que o Imperador é o principal responsável pelas decisões a serem tomadas no Império e por sua tentativa de restaurar os cultos pagãos num período em que o paganismo está em declínio e o cristianismo em ascensão. Tais cultos são marcas de uma herança das religiões orientais que penetram o Império Romano desde a propagação de crentes; comerciantes que entravam nas regiões do

²³ BOATWRIGTH, Mary T, GARGOLA, Daniel J, TALBERT, Richard, J. A. The Romans: From Village to Empire. New York: Oxford University Press. 2004. 516p.

²⁴ Idem. Ibidem

²⁵ Idem. Ibidem

²⁶ GRIMAL, Pierre. O Império Romano. São Paulo: Edições 70. 1999. 176p.

²⁷ BOATWRIGTH. Op.cit. 516p.

Império e carregavam com eles suas crenças e devoções; militares; artesãos; camponeses peregrinos e, além disso, podemos entender esse alastramento das religiões orientais a partir dos escravos que eram levados a Roma, vindos do Egito, da Síria, da Capadócia, dentre outras regiões do Oriente.²⁸

O sincretismo dessas religiões orientais com as crenças romanas fez com que os deuses desses cultos fossem inseridos no panteão Romano, fazendo com que, em alguns casos, o nome do deus se modificasse para o latim, e assim os cultos se modificavam para o ritual romano.²⁹

Quando um Imperador é divinizado, significa que ele, durante sua vida, foi um homem eficaz em seus feitos e feliz em seus empreendimentos para o bem-estar do Império.³⁰ Quando vivo o Imperador não era considerado deus, mas antes um ser intermediário entre o poder divino e o Estado Romano. Essas características orientais se mostram presentes desde o Império de Augusto (27 a.C – 14 d.C), onde os deuses orientais são incorporados aos cultos romanos.³¹

Segundo Nock, a consistência das tradições romanas está na influência dos gregos. Desde Augustus deuses como Isis, Apolo, Cibele, Serapis, são cultuados. O mesmo autor nos mostra que o Imperador Nero (54 – 68 d.C) ergue um colosso representando o deus Sol em devoção a Claudius (41 – 54 d.C), e elabora moedas com a imagem do deus Sol.³² O que podemos especular é que desde o início do Império, a idéia de culto ao deus sol, como representação maior já era uma tendência.

Vimos então que os cultos Orientais se manifestam no interior do Império, desde o período do Alto Império, mas ganha muita força no século II, principalmente a partir do governo de Cómodo (180 -192 d.C.).

Tendo conhecimento de como os cultos Orientais se instalam no Império Romano, resta-nos saber os motivos que levaram o Imperador Juliano a tentar restabelecer os cultos

²⁸ GARCÍA. Op. cit 409p.

²⁹ Idem. Ibidem

³⁰ GRIMAL. Op.cit. 176p.

³¹ NOCK, A. D. *Religious Development from The Close of The Republic to The Death of Nero*. In: *The Cambridge Ancient History: The Augustan Empire 44 B.C. – 70 A.D.* Volume X. 2ª ed. London: Cambridge. 1952. P. 465 – 511.

³² Idem. Ibidem

pagãos, em uma Era em que Constantino já havia concedido a liberdade de culto aos cristãos e com isso o cristianismo ganhava cada vez mais o apoio dos romanos. Daremos atenção ao Culto Solar, tomando como base um hino de devoção elaborado pelo próprio Juliano ao deus do Sol Hélios.

O Culto Solar apresenta uma complexidade que confunde muitos historiadores.³³ Muitos apresentam as divindades identificadas como solares como iguais no Império, ou seja, a mesma divindade aparecendo com diferentes nomes. Um exemplo é a figura de o deus Invictus aparecer associada ao deus Mitra ou Serapis.³⁴ Essa é uma associação comum, já que cada divindade possui sua própria característica. Mesmo que se aproximem em muitos aspectos por serem deuses ligados ao sol, seus cultos são bem diferentes.

Mitra é o deus iraniano representado pelo sol, mas que não se restringe a essa representação, ele é responsável pela ordem celeste. O culto a Mitra era realizado em um âmbito mais particular e privado, era um culto restrito a homens, realizado em lugares subterrâneos e mais ocultos.³⁵

Quando se fala de Império Romano é comum alguns historiadores apresentarem o mitraísmo como um culto oficial de Estado, mas este não se tornou um culto oficial de Estado, talvez por suas restrições.³⁶ Muito se fala da devoção de Cómodo a esta divindade, mas ela aparece em uma esfera pessoal do Imperador, tanto que ele não elabora moedas com a figura de mitra, já que não era um culto oficial. Nas moedas geradas por Cómodo aparece a representação do deus Sol, mas este apresenta o título de Invictus, esse era o deus regente do cosmos e do universo.³⁷

O Sol Invictus era o deus solar invisível, que no despertar do dia ressurgia vitorioso. O culto a Invictus era realizado em lugares públicos, onde todos pudessem participar. Era uma religião pública. No Império de Heliogábalo (218 -222 d.C.) o culto a divindade solar, Invictus, se torna oficial e se vincula ao Estado Romano, e o Pontifex Dei Solis, ou seja, o

³³ GARCIA. Op. cit. 409p.

³⁴ Idem. Ibidem

³⁵ BURKERT, Walter. Antigos cultos de mistério. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. 144p.

³⁶ SMITH, Rowland. Julian's Gods: Religion and philosophy in the thought and action of Julian the Apostate. London and New York: Routledge, 1995. 300p.

³⁷ GARCIA. Op. cit. 409p.

sumo Pontífice (nesse caso era o próprio Heliogábalo) era o responsável pelas cerimônias e pelos festejos públicos.³⁸

Segundo a autora Paloma Aguado Garcia, podemos encontrar fontes que antecedem o período de Heliogábalo em que o culto a Invictus era conhecido e já se organizava na capital.³⁹ Quanto a esta questão, podemos perceber que no período de Caracala (211 -217 d.C.) o culto ao deus Invictus aparece em grande proporção entre a elite dos altos cargos do Império. O culto de Caracalla a esta divindade solar ocorre mais em virtude de uma tradição familiar, do que por uma devoção pessoal. Mas seu governo também foi marcado pelo Culto Solar. No entanto sua devoção se voltava à Serapis, um deus solar egípcio.⁴⁰

A primeira aparição desse deus egípcio acontece no Império de Nero, em que o Imperador emite moedas com a imagem da divindade e com a descrição Hélio-Serapis. Essas moedas também aparecem no reinado de Caracala.⁴¹

Serapis era considerado o deus supremo e senhor de todo o universo. Toda essa universalidade de Serapis apresentaria Caracala como o próprio deus e senhor do universo. A mesma autora chega a mencionar uma busca por uma teocracia monástica, ou seja, Caracala seria o único deus, adorado em todo o Império.⁴²

É importante notar como o Imperador Caracala buscava essa veneração a partir do poder, já que ele é visto por grande parte da historiografia como cruel, amoral e louco,⁴³ características, aliás, parecidas com as de Cómodo segundo boa parte dos historiadores.⁴⁴ Tanto um quanto o outro menosprezavam a autoridade e o poder do senado, na procura de uma soberania absoluta, apoiados em seus exércitos.⁴⁵

Percebemos então que Caracala procurou alcançar uma veneração religiosa a partir de instrumentos políticos, ou seja, através de seu poder como Imperador ele pretendia, de acordo

³⁸ GARCÍA. Op. cit. 409p.

³⁹ Idem . Ibidem

⁴⁰ Idem. Ibidem

⁴¹ GARCIA. Op.cit. 409p

⁴² Idem .Ibidem

⁴³ Idem. Ibidem

⁴⁴ Idem. Ibidem

⁴⁵ Idem. Ibidem

com algumas hipóteses,⁴⁶ ser considerado o próprio deus ainda em vida. Pois assim ele seria o principal representante do deus na terra, e teria o poder sacerdotal em suas mãos. Tendo domínio sobre o poder religioso, dominaria ao mesmo tempo o poder político.⁴⁷

É importante compreender um pouco sobre o período de Caracala, já que este foi um exemplo para que o Imperador Juliano colocasse em prática suas reformas para a restaurar o paganismo⁴⁸ que vinha perdendo seu espaço desde o Édito de Milão (313 d.C.) elaborado por Constantino. Vejamos então como Juliano chega ao poder e os motivos que levaram a uma possível recusa do cristianismo e a tentativa de reerguer os antigos cultos pagãos.

Juliano pertencia à dinastia de Constantino, era filho de Julio Constancio, meio irmão de Constantino. O futuro Imperador pagão estudou na celebre escola neo-platonica de Atenas, onde terminou seus estudos em 355. Ele se casou com a filha do então Imperador de Roma Constancio II e foi enviado a Gália (compreende atualmente o território da França, algumas partes da Bélgica, algumas partes da Alemanha e o norte da Itália) por ordens desse Soberano. Inicialmente Juliano exerceria atividades militares.⁴⁹ Mas em pouco tempo ele se alia aos militares, ficando três anos em Mésia (Território que hoje corresponde a região da Sérvia e da Bulgária).⁵⁰ Liderando o exército, Juliano impede o avanço dos francos e dos alamanos, povos que tentavam invadir e habitar a região. Nesse período, ele funda a capital Lutécia, na Gália, onde hoje se encontra a cidade de Paris, e instala seu quartel general nessa região por questões geográfica e estratégica.

A partir de uma historiografia mais antiga, Juliano era clamado para ser o novo Cesar. Já que seus soldados não apoiavam o Imperador. No entanto sua virtude pagã o colocava como possível inimigo da corte, se partir do pressuposto que Constancio II ter sido criado sob tradição cristã. Mas era difícil ignorar a figura de Juliano após a vitória contra os francos e os alamanos, já que seus soldados desprezavam o Imperador Constancio II e suplicavam para que Juliano fosse o novo Imperador, e isso ocorre mesmo Juliano obedecendo às vontades de César e reivindicando para que seu exército o fizesse como nos mostra o autor:

⁴⁶ GARCIA. Op.cit. 409p

⁴⁷ PRICE, S. R. F. *Rituals and Power: The Roman imperial cult in Asia Minor*. Londo: Cambridge University Press. 289p.

⁴⁸ GARCIA. Op.cit. 409p

⁴⁹ GIBBON. Op.cit. 506p.

⁵⁰ Província romana fronteira à Gália

A prudência tanto quanto a lealdade inculcavam Juliano a conveniência de resistir-lhes aos desígnios traiçoeiros e alegar, para sua própria e oprimida virtude, a justificativa da violência. Dirigindo-se ora a multidão, ora a indivíduos, ele umas vezes lhes implorava a clemência e outras exprimia sua própria indignação; conjurava-os a não macular a fama de suas vitórias imortais; atrevia-se a prometer-lhes que, se honrassem de imediato seu dever de obediência, ele diligenciaria obter do imperador não apenas um completo e benévolo perdão, mas inclusive a revogação das ordens que lhe haviam provocado o ressentimento.⁵¹

Em 360 d.C. Juliano aceita a condição de Imperador, proclamado por suas tropas no palácio da Gália, após a impaciência de seus soldados e ameaças de morte. O futuro Imperador se reuniu com seus soldados e procurou lembrar as vitórias e lamentar os sofrimentos que eles passaram. Juliano queria lhes garantir a esperança de novos dias, mas, ele ainda não estava seguro dessa nova condição. Ele queria assegurar que suas tropas não atacariam caso o Imperador do Oriente aceitasse a condição de Juliano como novo Imperador, e se satisfariam com a posse pacífica das províncias gaulesas.⁵²

Após a negação de Constancio II ao pedido pacífico de Juliano e suas tropas pelo título de Augusto, o futuro César se dispõe a lutar em uma guerra civil.⁵³ Mas em 361, quando marchava em direção a capital do Império, ele e seu exército recebeu a notícia da morte de Constancio II, impedindo o que seria uma possível guerra civil. O novo Imperador do Império Romano do Ocidente é visto pela história como incansável cumpridor de suas obrigações. Juliano busca restaurar o Império e propõe inovações importantes na estrutura e funcionamento da sociedade.⁵⁴

Um importante feito do Imperador pagão foi à transferência da capital para Antioquia (na Turquia), que era a segunda cidade mais importante do Império e controlava uma extensa área rural com cerca de 2500 quilômetros quadrados. Antioquia era formada por uma

⁵¹ GIBBON. Op.cit. p.320.

⁵² BROWNING. Op.cit. 280p.

⁵³ BASLEZ, Marie-France. *Juliano, a esperança dos pagãos*. Arquivos História Viva, volumen 5: os melhores artigos sobre Roma / Liliana Pinheiro. Rio de Janeiro: Duetto, 2009. p. 61 – 64.

⁵⁴ BROWNING. Op.cit. 280p.

comunidade essencialmente agrária, em que a maior parte da riqueza dos cidadãos derivava do cultivo dessas terras.⁵⁵

O interesse de Juliano nessa região era estratégico, já que em Antioquia ele poderia se preparar para uma campanha militar no Oriente Médio.⁵⁶ Além dos interesses políticos, já que nessa região se concentrava grande parte da elite do Império Romano,⁵⁷ com grandes proprietários de terra, grandes comerciantes. Juliano realizou uma viagem de Constantinopla para Antioquia de caráter turístico, religioso e patriótico. Tal viagem proporcionou ao Imperador reafirmar os princípios romanos por onde ele passava, principalmente por Éfeso, Capadócia e Pssimonte, onde a população se encontrava apavorada devido tremores de terra que ocorreram nessas regiões.

Em seu governo, Juliano procurou reparar os danos administrativos, como as reformas no sistema de tributação, reformas no posto imperial e em outros ramos, com o objetivo de acabar com os abusos, reduzir os custos e encargos para redistribuir de forma favorável para a classe dos proprietários de terra;⁵⁸ procurou acabar com a fome, e reformar os lugares atingidos por catástrofes naturais. Mas seu principal objetivo era restaurar os cultos pagãos que estavam perdendo força no Estado desde Constantino. Esses reparos na economia, política, religião, eram as chamadas “*Felicitium temporum reparatio*” (Reparação dos tempos felizes).⁵⁹ Sua administração voltava-se para infra-estrutura buscando melhorar as vias de navegação, visando as melhorias de suas viagens.

Segundo parte da historiografia, sua devoção aos deuses Greco-romanos era movida em reação a educação que ele recebera, quando criança, do cristianismo.⁶⁰ A repressão que ele recebeu da Igreja de Cristo teria alimentado seu repúdio em relação aos seus educadores eclesiásticos.⁶¹ A devoção dele aos deuses pagãos se fortalece durante seus estudos na academia de Atenas, sob os ensinamentos do platonismo Jámblico.⁶²

⁵⁵ Idem. Ibidem

⁵⁶ BASLEZ. Op.cit. p. 61 -64

⁵⁷ BROWNING. Op.cit. 280p.

⁵⁸ BROWNING. Op.cit. 280p.

⁵⁹ Idem. Ibidem

⁶⁰ SMITH. Op.cit. 300p.

⁶¹ Idem. Ibidem

⁶² BROWNING. Op.cit. 280p.

Em seus primeiros Éditos, o Imperador pagão promete a liberdade de culto a todos os cidadãos romanos e ordena a reabertura dos templos pagãos que haviam sido fechados.⁶³ Juliano implanta templos pagãos no palácio onde o próprio soberano se encarrega de realizar os atos de sacrifício em devoção as deidades.⁶⁴

Ele procurou atingir a Igreja dos cristãos impondo a ela algumas obrigações como, por exemplo, proibir a população de financiar a Igreja com doações, afastar os cristãos de cargos militares e civis, suspender as honras e imunidades clericais, além de obrigá-los a pagar uma indenização pelas destruições aos templos pagãos.⁶⁵ O Imperador pagão tomou como medida preventiva uma lei que dispensava professores cristãos, o que seu governo pretendia era eliminar a educação cristã. A lei pregava que todos os professores deveriam ensinar os valores dos deuses Greco-Romanos, caso contrário os professores seriam destituídos de seus cargos. Ora, Juliano não retira os professores cristãos do ensino, mas a lei imposta por ele faria com que esses professores deixassem seus cargos, pois se recusariam a falar de outro deus não sendo o que eles seguiam.⁶⁶ Juliano via o cristianismo como uma fonte de corrupção do Estado Romano. Para o Imperador o cristianismo representou o fim do respeito pela razão e pela ordem, base da civilização clássica.⁶⁷

Muito se discute se Juliano teria ordenado qualquer tipo de perseguição aos cristãos, mas não existem provas de que o próprio Imperador tenha ordenado qualquer tipo de agressão contra os cristãos.⁶⁸ O mais próximo de uma agressão que se tem registro, fora os pequenos casos isolados, é completamente independente de qualquer ordem do soberano, como foi o caso de Jorge da Capadócia, que, segundo os relatos, teria sido morto por pagãos enquanto estava preso.⁶⁹

O Império de Juliano foi breve, durando apenas três anos (361 – 363) e teve como medida uma busca incansável da restauração do paganismo. Por essa tentativa de reforma na religião do Império retomando os cultos pagãos, ele foi, mais tarde, denominado “O

⁶³ GIBBON. Op.cit. 506p.

⁶⁴ BROWNING. Op.cit. 280p.

⁶⁵ Idem. Ibidem

⁶⁶ Idem. Ibidem

⁶⁷ Idem. Ibidem

⁶⁸ Idem. Ibidem

⁶⁹ Idem. Ibidem

Apóstata”, ou seja, aquele que renega uma crença anterior. Isso ocorre porque, como já vimos, Juliano foi educado quando criança aos moldes cristãos, e mais tarde ele passa a cultuar antigos deuses Orientais, e do próprio panteão Greco-romano. Mas essa é uma vasta discussão historiográfica, já que por mais que ele tenha sido educado por cristãos em sua infância, ele nunca esteve fora das religiões Orientais, e já que Constantino libera as crenças cristãs, mas não oprime as outras religiões, e também não decreta o cristianismo como religião do Estado. Por isso, é difícil afirmar que Juliano era de fato um apóstata.⁷⁰ Outra questão discutida é a de que ele nunca tenha se considerado um cristão de fato.⁷¹

Vejamos agora algumas características do paganismo, com o objetivo de compreender os motivos de uma possível negação do cristianismo por parte de Juliano e os motivos de sua aproximação dos cultos pagãos.

Os cultos Orientais são considerados religiões de mistério, e se apresentam de forma mais “íntima”, ou seja, a relação entre o homem e os deuses é mais direta. Segundo Walter Burkert: “Os mistérios constituem uma forma de religião pessoal, que dependem de uma decisão privada e aspira a alguma forma de salvação através da proximidade com o divino.”⁷² Com exceção do mitraísmo, para cultuar os deuses dessas religiões de mistério, não era preciso ser iniciado, pois os deuses desses cultos oferecem salvação a todos que o cultuam. Tais cultos não possuíam características homogêneas,⁷³ e eram realizados através de oferendas, orações, crenças festivas, entre outras formas de crença, que podiam variar de culto para culto.⁷⁴ Burkert aproxima os cultos de mistério, da chamada “religião votiva”, ou seja, uma religião pessoal que se baseia no uso de votos, ou pedidos, que segundo o autor “constitui o pano de fundo para a prática dos mistérios”⁷⁵ Logo, a busca pela salvação se caracteriza nos votos de cada pessoa. Ainda segundo Burkert:

A prática votiva pode ser considerada como uma estratégia humana fundamental para enfrentar o futuro. Torna possível administrar o tempo por uma espécie de troca. Numa situação de crise que o incapacita, o indivíduo pode se erguer para imprimir a estrutura

⁷⁰ SMITH. Op.cit. 300p

⁷¹ Idem. Ibidem

⁷² BURKERT. Op.cit p. 25.

⁷³ SMITH. Op.cit. 300p

⁷⁴ Idem. Ibidem

⁷⁵ BURKERT. Op.cit p. 25.

condicional do “se-então” sobre as incertezas do futuro. Se advém a salvação que o liberta da aflição e angústia do presente, se surge o êxito ou o lucro desejado, então ele fará uma renúncia específica e delimitada, uma perda determinada no interesse de um ganho maior.⁷⁶

Ora, o que podemos perceber com essas descrições é, que nas religiões de mistérios, que se pode dizer que era uma religião votiva, se as preces não fossem alcançadas, o indivíduo cultuaria outro deus. Sendo assim, “Os mistérios, como as religiões votivas, conservaram-se em certa medida como uma forma religiosa experimental. Enquanto tal, às vezes podiam decepcionar as esperanças dos devotos.”⁷⁷

As características das religiões Orientais não se assemelham as do judaísmo ou as do cristianismo. Judeus e cristãos acreditavam em um único deus, e este não estava presente no panteão Greco-romano.

Para os judeus as únicas leis a serem seguidas eram as de Moisés. Não acreditavam e também não reconheciam as outras religiões presentes no Império Romano. Acredita-se que o povo judeu era muito restrito e possivelmente não se misturava com outros povos.

O cristianismo, ao tempo de Juliano, cujas vertentes vinham do judaísmo, é uma religião monoteísta, mas diferente do judaísmo, já se aproxima de outros povos, procurando a conversão dos pagãos na crença, do que era para eles o verdadeiro e único deus. Segundo debates históricos, a Igreja dos cristãos demonizava as divindades de outras religiões.⁷⁸ No entanto se esta afirmação é verdadeira, como os cristãos conseguiriam se aproximar do Império? Segundo Paloma Aguado Garcia não há nenhuma documentação que fale de perseguição, por parte do Império de Caracala, as fontes apresentam uma relação de paz, e em muitos casos, apresenta cristãos fazendo parte de importantes cargos no Império.⁷⁹ Podemos crer então que esta passagem descaracteriza essa atitude cristã que relatam alguns historiadores, e que os relatos permanecem no período de Juliano.

⁷⁶ Idem. Ibidem. p.. 26.

⁷⁷ BURKET. Op.cit p. 41.

⁷⁸ BROWNING. Op.cit. 280p.

⁷⁹ GARCIA, Op.cit. 409p.

3.1 ANÁLISE DO HINO AO DEUS HELIOS

Compreendendo as características de cada religião, podemos analisar agora os possíveis motivos de Juliano ao tentar retomar os cultos pagãos, e se de fato ele teria rejeitado o cristianismo. Para isso tomaremos como análise o hino de Juliano em devoção ao deus Hélios, que apresenta um interesse especial e filosófico por parte de Juliano.⁸⁰ O trabalho busca considerar algumas passagens, não apenas pelo caráter religioso, mas também pelo caráter político. Mas é importante considerar que, se houve alguma tentativa de se implantar esse culto como o oficial do Estado, Juliano não chegou a executar tais ideais.

Para que tenhamos melhor compreensão sobre os aspectos políticos envolvidos nos ideais de Juliano, começaremos nossas ponderações quase pelo final do hino, em que o Imperador descreve que:

Tudo isso, por tanto, que eu orei, a um estante atrás, ele ⁸¹ pode conceder, e ainda pode, a partir de sua graça, dotar toda minha cidade com eterna existência, desde que seja possível, protegê-la, e por minha pessoa, ele pode conceder-me que, enquanto me for permitido viver, eu possa prosperar em meus negócios, humanos e divinos; finalmente ele pode conceder-me viver e servir o Estado com minha vida, desde que seja agradável para ele, bom para mim e conveniente para o Império Romano.⁸²

Nessa passagem podemos perceber claramente que se Juliano esta no poder acontece por uma escolha divina, o deus Único e Pai de todos foi quem o colocou no poder do Império. É Hélios, ou seja, o deus Sol que faz com que o Imperador prospere e conduza o Estado com dignidade. Para o Imperador, Helios era o próprio fundador de Roma.⁸³ Ora, Juliano tenta justificar seus atos a partir dos poderes concedidos pela divindade. Ele faz apenas o que lhe

⁸⁰ SMITH. Op.cit. 300p

⁸¹ Se referindo ao deus Hélios.

⁸² WRIGHT, Wilmer C. *Hymn to King Helios. Dedicated to Sallust*. In: *The Works of the Emperor Julian*. London: Willian Heinemann. New York: The Macmillan CO. p.431.

Traduzido do inglês: “All this, therefore, that I prayed for a moment ago, may he grant, and further may he, of his grace, endow my city as a whole with eternal existence, so far as is possible, and protect her; and for myself personally, may he grant that, so long as I am permitted to live, I may prosper in my affairs both human and divine; finally may he grant me to live and serve the state with my life, so long as is pleasing to himself and well for me and expedient for the Roman Empire!”

⁸³ SMITH. Op.cit. 300p

ordena o deus Sol. O imperador demonstrará que o Estado deve seguir as forças cósmicas e assim relacionar a ordem cósmica à ordem Terrena.⁸⁴

Por seu caráter de análise dos corpos celestes e da ordem cósmica, Juliano foi considerado um astrólogo ainda jovem, como ele mesmo menciona: “Fui considerado o mais ansioso sobre essas questões por dar muita atenção a elas, a ponto das pessoas me considerarem um astrólogo, quando minha barba só estava começando a crescer”⁸⁵

Bem como nos mostra a autora Garcia quando diz que, pela concepção oriental de astrologia, os astros atuam constantemente sobre o destino do homem.⁸⁶

Como já foi mencionado, o Imperador Juliano acredita que Hélios é o Pai de toda humanidade: “(...) considero este deus, se podemos acreditar nos sábios, como o Pai comum de toda humanidade.”⁸⁷

Em certa passagem vemos a atuação do deus Sol na ordem da terra e do ser humano:

Pois é dito com verdade que o homem e o Sol juntos geram o homem, e que deus semeia a terra com as almas que procedem, não apenas de si mesma, mas dos outros deuses também; e com propósito, as almas se revelam pelo tipo de vida que eles escolhem.⁸⁸

Segundo o Imperador, Helios diz que ele, Juliano, deve amar seus futuros súditos como ama os deuses, e deve adorar os deuses antes dos outros bens⁸⁹. Podemos compreender então quando Juliano diz:

Agora, a melhor coisa é quando alguém tem a sorte de ter herdado a serviço de deus, antes mesmo da terceira geração, de uma longa linhagem ininterrupta de ancestrais; contudo não é uma coisa para ser menosprezada quando alguém, reconhecendo que ele é, por natureza,

⁸⁴ Idem. Ibidem

⁸⁵ WRIGHT. Op. cit. p. 353 - 355. Traduzido do inglês “I was considered to be over-curious about these matters and to pay too much attention to them, and people went to far as to regard me as an astrologer when my beard had only just begun to grow.”

⁸⁶ GARCIA, op.cit. 409p.

⁸⁷ WRIGHT, op.cit. p. 355. Traduzido do inglês “(...) I regard this god, if we may believe the wise, as the common father of all mankind.”

⁸⁸ Idem. Ibidem. p. 355 -357. Traduzido do inglês “For it is said with truth that man and sun together beget man, and that the god sows this earth with souls which proceed not from himself alone but from the other gods also; and for what purpose, the souls reveal by the kind of lives that they select.”

⁸⁹ SMITH. Op.cit. 300p

destinado a ser o servo de Helios, quer sem ninguém, ou em companhia de poucos, dedica-se aos serviços de seu mestre.⁹⁰

Juliano demonstra então que todos os homens devem amar o deus acima de tudo, incluindo suas riquezas, e ir além, dedicar suas riquezas aos serviços do deus supremo e mestre.

Em outro momento do hino, Juliano caracteriza a centralidade do deus Sol e sua importância e supremacia no universo. O universo é coerente através da providência divina. Eterno e imperecível é vigiado pelo Rei Helios, em torno do qual tudo existe, o deus Sol é a causa de tudo. Ora, se Hélios é Rei do universo, e Pai de tudo, ele que leva seu poder e inteligência até o Imperador para que este possa governar com o mesmo saber, essa característica de centralidade de poder pode ser atribuída ao Imperador, já que a natureza dele é gerada pela substância de Helios.⁹¹ Vejamos então o que diz Juliano:

Este universo divino e totalmente belo, da mais alta abóboda do céu ao limite mais baixo da terra, é realizada em conjunto pela providência contínua do deus, têm existido desde antes da eternidade, é imprescindível de todos os tempos a vir, e é guardada nada mais do que a quinta substância, cujo ponto culminante são os raios do sol; e no segundo grau, e superior, por assim dizer, pelo mundo inteligível, mas em um sentido ainda mais elevado, e guardado pelo Rei de todo o universo, quem está no centro de todas as coisas que existem.⁹²

Juliano nos mostra os três dons de Hélios, o primeiro é que ele é transcendental, ou seja, ele não se distingue do que é bom no mundo inteligível; o segundo é o Hélios governante dos outros deuses intelectuais; terceiro é o sol em sua forma visível, ou seja, o disco solar. Juliano diz que é muito mais fácil de ter fé no visível do que no invisível. Segundo o próprio Imperador: “Este disco visível é também, para os objetos de senso-percepção, a causa da

⁹⁰ WRIGHT, op.cit. p. 357. Traduzido do inglês: “Now far the best thing is when anyone has the fortune to have inherited the service of the god, even before the third generation, from a long and unbroken line of ancestors; yet it is not a thing to be disparaged when anyone, recognising that he is by nature intended to be the servant of Helios, either alone of all men, or in company with but few, devotes himself to the service of his master.” (sic)

⁹¹ SMITH. Op.cit. 300p

⁹² WRIGHT, op.cit. p.359. Traduzido do inglês “This divine and wholly beautiful universe, from the highest vault of haven to the lowest limit of the earth, is held together by the continuous providence of the god, has existed from eternity ungenerated, is imperishable for all time to come, and is guarded immediately by nothing else than the Fifth Substance whose culmination is the beams of the sun; and in the second and higher degree, so to speak, by the intelligible world; but in a still loftier sense it is guarded by the King of the Whole universe, who is the center of all things that exist.”

preservação, e o Hélios visível é a causa da visibilidade da benção dos outros deuses.”⁹³ Logo a benção dos outros deuses só ocorre e é perceptível através da luz divina de Hélios.

Todos os outros planetas ou deuses estavam em torno de Hélios, ou seja, o deus Sol é central e tudo se alinha ao seu redor e por sua vontade, tal centralidade simboliza funções superiores⁹⁴ como podemos perceber no hino:

Os planetas dançam sobre ele como seu rei, em determinados intervalos, fixados em relação a ele, e giram em um círculo em perfeito acordo, fazendo paradas certas e prosseguindo para lá e para cá em sua órbita, como aqueles que são aprendidos no estudo das esferas, chamadas, movimentos visíveis, e que a luz pálida da lua minguante varia em proporção a sua distancia do sol, é, penso eu, claro a todos.⁹⁵

Juliano diz que se os cinco poderes de Hélios estiverem presentes em outros deuses, então o deus não será uma liderança entre os deuses. Vejamos então quais são essas cinco funções do deus:

(...) Primeiro seu poder perfeito, a partir do fato de que ele faz visíveis os objetos vistos no universo, para através de sua luz aperfeiçoá-los; segundo, seu poder criativo e generativo das mudanças provocadas por ele no universo; terceiro seu poder de unir todas as coisas em um todo, conforme a harmonia destes movimentos no sentido de um mesmo objeto; quarto, podemos compreender sua posição central por ele mesmo, quem é central; e quinto, o fato de que ele é estabelecido como rei entre os deuses intelectuais, a partir de sua posição central entre os planetas.⁹⁶

⁹³ WRIGHT, op.cit. p. 361 – 363. Traduzido do inglês “But this visible disc also, (...) for the objects of sense-perception the cause of preservation, and this visible Helios is the cause for se visible gods of just as many blessings as we said mighty Helios bestows on the intellectual gods.”

⁹⁴ SMITH. Op.cit. 300p

⁹⁵ WRIGHT, op.cit. p. 367. Traduzido do inglês “For that the planets dance about him as their king, in certain intervals, fixed in relation to him, and revolve in a circle with perfect accord, making certain halts, and pursuing to and fro their orbit, as those who are learned in the study of the spheres call their visible motions; and that the light of the moon waxes and wanes varying in proportion to it distance from the sun, is, I think, clear to all.”

⁹⁶ Idem. Ibidem. p. 367. Traduzido do inglês “(...) Frist his power to perfect, from the fact that he makes visible the objects of sight in the universe, for through his light he perfects them; secondly, his creative and generative power from the changes wrought by him in the universe; thirdly, his power to link together all things into one whole, from the harmony of his motions towards one and the same goal; fourthly, his middle station we can comprehend from himself, who is midmost; and fifthly, the fact that he is established as king among the intellectual gods, from his middle station among the planets.”

Hélios é então a natureza central entre todas as coisas, pode-se dizer, segundo o Imperador Juliano, que ele é o próprio meio.⁹⁷

Os deuses intelectuais são na verdade a força de um único deus, nesse caso, o deus sol. O autor do hino nos mostra então que: “Para a distribuição de seus raios por todo o universo, e o poder unificador de sua luz, prova que ele é o mestre-artesão que dá a existência individual para todas as coisas que são criadas.”⁹⁸ Segundo o Imperador um dos trabalhos de Hélios é distribuir a benção entre os deuses e conceder-lhes benefícios e perfeita natureza.⁹⁹ Logo é esse deus o grande criador de tudo o que existe no universo, os outros “(...) são deuses relacionados a Hélios e de similar substancia que somam-se a imaculada natureza desse deus, e apesar de no mundo visível eles serem plurais, em Hélios eles são um.”¹⁰⁰ Sendo assim, os outros deuses são parte da essência de Helios.¹⁰¹

Se Juliano quer caracterizar a unidade de Hélios, e mostrar que é o deus que lhe dá os artifícios para que ele possa comandar seu Império, podemos dizer, hipoteticamente, que, Juliano buscava centralizar esse poder, já que o cosmos deve se encontrar em harmonia com a terra, e o Imperador é o intermediário na relação entre o deus supremo e os homens¹⁰². Sendo assim podemos compreender que Juliano colocava o Imperador como um ser central no controle do Império da Terra.

Juliano diz que:

Somente através de sua luz ele nos abre os olhos, então também entre os deuses intelectuais, através de sua equivalente inteligência – que ele faz brilhar mais do que o brilho de seus raios em nosso ar superior – ele concede, como eu acredito, a todos os deuses inteligentes, a faculdade do pensamento e da existência compreendido pelo pensamento.¹⁰³

⁹⁷ Idem. Ibidem. p. 375 – 377.

⁹⁸ WRIGHT, op.cit. p. 383 – 385. Traduzido do inglês “For the distribution of his rays over the whole universe, and the unifying power of his light, prove him to be the master work-man who gives an individual existence to everything that is created.”

⁹⁹ Idem. Ibidem. p. 395.

¹⁰⁰ WRIGHT, op.cit. p. 391. Traduzido do inglês “(...) are gods relate to Helios and of like substance who sum up the stainless nature of this god, and though in the invisible world they are plural, in him they are one.”

¹⁰¹ SMITH. Op.cit. 300p

¹⁰² Idem. Ibidem

¹⁰³ WRIGHT, op.cit. p. 397. Traduzido do inglês “For Just as through his light he gives sight to our eyes, so also among the intelligible gods through his intellectual counterpart – which he causes to shine far more brightly than his rays in our upper air – he bestows, as I believe, on all the intellectual gods the faculty of thought and of being comprehended by thought.”

Ou seja, é ele quem dá luz a inteligência dos deuses, ou mais, ele seria o próprio gerador desses deuses, já que ele é o Pai de tudo o que se foi criado. Percebemos então que o deus Helios não está em pé de igualdade com os outros deuses.

E então designado como sua própria posição no centro do céu, na ordem em que por todos os lados ele possa conceder iguais bênçãos aos deuses que vieram por sua atividade e em sua companhia; e que ele pode guiar as sete esferas no céu, e a oitava também, sim, e como eu acredito, a nona criação também, ou seja, nosso mundo, que gira sempre em um contínuo ciclo de nascimento e morte. Por isso é evidente que os planetas enquanto dançam em círculo sobre ele, preservam, como a medida de seus movimentos a harmonia entre este deus e o próprio movimento deles, tais como devo agora descrever, e que o conjunto dos céus também, que se adaptam a ele em todas as partes, está cheio de deuses que procedem de Hélios.¹⁰⁴

Desse modo Juliano diz que Athena não saiu de uma parte de Zeus, como da cabeça, mas sim de toda a essência de Hélios. A deusa Athena é a própria inteligência do deus Sol em sua forma perfeita. E Afrodite seria o espírito do amor e da unidade, que ajuda a dar o poder gerador da Terra. Logo:

Seu maior presente divino, e tudo o que ele concede à nossa alma quando ele as liberta do corpo e então as levanta até o alto do local das substâncias que se assemelham ao deus; e a delicadeza e vigor de seus divinos raios, que são atribuídos como uma espécie de veículo para a descida segura de nossas almas a este mundo; tudo isso, eu digo, deixe outros celebrarem em estilo apropriado, mas deixe-me acreditar ao invés de demonstrar sua verdade.¹⁰⁵

¹⁰⁴ Idem. Ibidem. p. 399 – 401. Traduzido do inglês “And then he assigned as his own station the mid-heavens, in order that from all sides he may bestow equal blessings on the gods who came forth by his agency and in company with him; and that he may guide the seven spheres in the heavens and the eight sphere also, yes and as I believe the ninth creation too, namely our world which revolves for ever in a continuous cycle of birth and death. For it is evident that the planets, as they dance in a circle about him, preserve as the measure of their motion a harmony between this god and their own movements such as I shall now describe; and that the whole heaven also, which adapts itself to him in all its parts, is full of gods who proceed from Helios.”

¹⁰⁵ WRIGHT, op.cit. p. 417. Traduzido do inglês “But his more divine gifts, and all that he bestows on our souls when he frees them from the body and then lifts them up on high to the region of those substances that are akin to the god; and the fineness and vigour of his divine rays, which are assigned as a sort of vehicle for the safe descent of our souls into this world of generation; all this, I say, let others celebrate in fitting strains, but let me believe rather than demonstrate is truth.”

Em dado momento do hino, Juliano caracteriza o domino Romano pelo poder divino:

E não têm Apolo, quem é colega dele no Império,¹⁰⁶ criado oráculos em toda parte da terra, e dado aos homens inspirada sabedoria, e regulado suas cidades por meios religiosos e ordenações políticas? E ele civilizou boa parte do mundo, através de colônias Gregas, e assim tornou mais fácil para o mundo ser governado pelos romanos.¹⁰⁷

Ao final do hino, Juliano diz:

(...) Oro para que Hélios, o rei de tudo, posse ser generoso comigo em recompensa por meu zelo; e que ele possa me conceder uma vida virtuosa, a mais perfeita sabedoria, inspirada inteligência e que, por vontade do destino, a mais gentil existência que possa ser da vida, em uma hora apropriada; e que eu possa ascender à ele depois e habitar com ele, para sempre se possível, mas se isso é mais do que as ações de minha vida merecem, por períodos de muitos anos.¹⁰⁸

Aqui podemos caracterizar sua divindade Imperial, ou seja, ele quer estar ao lado de Hélios e ser divinizado e cultuado como um deus.

Podemos perceber que Juliano ao diferenciar a divindade e inteligência de Hélios, estava tentando justificar seus feitos, que se foram realizados, foi por vontade do deus Sol, único, central e Pai de tudo.

Um problema comum que podemos encontrar em os historiadores que debatem sobre o culto de Juliano ao deus Sol, são a associações feitas entre o deus Helios e outras divindades solares, principalmente a divindade solar Iraniana, Mitra. Alguns historiadores acreditam quem Juliano era iniciado no mitraísmo,¹⁰⁹ e que possivelmente o “Hino ao Rei Helios”, seria na verdade um ato de devoção ao deus Mitra.¹¹⁰

¹⁰⁶ Ele menciona que Apolo era uma das divindades que carregava um dos poderes de Hélios.

¹⁰⁷ WRIGHT, op.cit. p. 419. Traduzido do inglês “And has Apollo, who is his colleague in empire, set up oracles in very part of the earth, and given to men inspired wisdom, and regulated their cities by means of religious and political ordinance? And he has civilised the greater part of the world by means of Greek colonies, and so made it easier for the world to be governed by the Romans.”

¹⁰⁸ Idem. Ibidem. p. 433 -435. Traduzido do inglês “(...) I pray that Helios, the King of the All, may be gracious to me in recompense for this my zeal; and may he grant me a virtuous life and more perfect wisdom and inspired intelligence, and, when fate wills, the gentlest exit that may be from life, at a fitting hour; and that I may ascend to him thereafter and abide with him, for ever if possible, but if that be more than the actions of my life deserve, for many periods of many years.”

¹⁰⁹ SMITH. Op.cit. 300p

¹¹⁰ Idem. Ibidem

A hipótese de que Juliano foi um devoto do culto mitraico não deve ser descartada, já que é possível que ele tenha se dedicado ao mitraísmo.¹¹¹ Todavia há uma escassez de referências de um possível culto à Mitra por parte de Juliano e “nada nelas implica que Mitra é recomendado como um foco peculiarmente apropriado de devoção para um Imperador em seu potencial público.”¹¹² O que podemos supor é que Juliano fosse devoto à Mitra em caráter particular.

Sendo assim, é comum encontrar nos textos a figura de Mitra associada a Invictus, já que este está associado diretamente pelos Romanos à divindade solar grega, Helios, mas que, como já vimos, possuem cultos diferentes.

Caso a alusão à Mitra no Hino de devoção ao deus Helios elaborado por Juliano seja verdadeira, ela ocorre em âmbito pessoal, e não na esfera pública. Logo, por mais que Juliano tenha sido um iniciado no mitraísmo, não há evidências suficientes que comprovem que o Hino à Helios tenha sido na verdade uma devoção à Mitra.¹¹³ Para R.L Gordon, não há nada que indique a supremacia de Mitra, mas sim de Helios.¹¹⁴

O fato de existirem inúmeras associações entre os deuses solares, ou deuses associados de alguma forma com o sol, e a força de identificação de um deus com o outro, levanta a questão das tendências monoteístas.¹¹⁵

Segundo a autora Garcia: “No centro de todo o sistema esta o Sol, como astro supremo, “coordenador” de todo o processo. Com esta crença se estabelece paulatinamente a idéia de um monoteísmo crescente em torno da figura do Sol.”¹¹⁶ Mas seria correto falar em um monoteísmo? O que podemos perceber é que há sim uma elevação da figura do deus Sol, mas no caso de Juliano, ele não descaracteriza a presença dos outros deuses, nem a importância de seus poderes.

¹¹¹ Idem. Ibidem

¹¹² Idem. Ibidem. p. 126 -127. Traduzido do inglês: “Nor is there anything in them to imply that Mithras is recommended as a peculiarly appropriate focus of devotion for an Emperor in his public capacity.”

¹¹³ SMITH. Op.cit. 300p

¹¹⁴ Idem. Ibidem

¹¹⁵ SMITH. Op.cit. 300p

¹¹⁶ GARCIA, op.cit. p. 322. Traduzido do espanhol: “En el centro de todo el sistema está el sol, como astro supremo, “coordenador” de todo el proceso. Con esta creencia se va estableciendo paulatinamente la idea de un monoteísmo creciente en torno a la figura del sol.”

Ainda segundo a mesma autora, Septímio Severo acreditava que seu destino como Imperador estava marcado pelo horóscopo,¹¹⁷ o mesmo poderia acontecer com Juliano, incluindo sua devoção a divindade solar. Mas o que pretendia o Imperador pagão a partir dessas questões religiosas?

4 ANTES DE JULIANO, AKHENATON

Para melhor compreensão sobre a política religiosa analisada neste trabalho, retomaremos o que aconteceu no Egito, mas especificamente no Reino Novo no reinado do faraó Akhenaton, da XIII dinastia, que buscou uma retomada política e religiosa através da elevação uma divindade solar, como teria buscado Juliano. No entanto as ações de Akhenaton são analisadas como revolucionárias diante da forma de vida da sociedade egípcia da antiguidade.¹¹⁸

A primeira questão para a qual devemos direcionar nossa atenção é a de que desde a era antiga no Egito o faraó podia ser considerado o filho e o representante de um deus na terra, no entanto ele não era cultuado em vida.¹¹⁹ A divindade desse rei era adquirida no ritual de ascensão ao trono e de coroação. Logo se sua divindade não o apresentava como o próprio deus, entendemos então que a execução de suas tarefas eram realizadas pelas vontades dos deuses e não por sua própria vontade.¹²⁰

O período de Akhenaton foi marcado por sua restauração religiosa, apresentada por muitos historiadores como uma “revolução religiosa” devido a ação do faraó de substituir Amon, a divindade suprema até seu reinado, por Aton, o deus do disco solar. Todavia antes de Amenhotep IV¹²¹, no reinado de seu avô, Tutmés IV, Aton já era identificado como uma

¹¹⁷ GARCIA, op.cit. 409p

¹¹⁸ JACQ, Christian. Nefertiti e Akhenaton: o casal solar. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 238p.

¹¹⁹ SILVERMAN, David. P. *O Divino e as Divindades no Antigo Egito*. In: SHAFER, Byron E. As religiões no Egito antigo: deuses, mitos e rituais domésticos. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p.21 – 107.

¹²⁰ Idem. Ibidem

¹²¹ Amenhotep IV, que significa “Amon está satisfeito” era o nome de Akhenaton antes da reforma religiosa. Quando eleva a divindade do disco solar, ele muda seu nome em reverência ao deus Aton, e seu nome passa a significar “o espírito atuante de Aton”.

divindade solar, e não apenas como uma mutação de Rá, deus do Sol.¹²² A divindade do disco solar já existia desde Tutmés I, e se apresentava como uma força criadora.¹²³

Segundo a historiografia, o pai de Amenhotep IV, Amenhotep III, promove um culto direcionado a Aton, mas não o coloca como um deus supremo.¹²⁴ Isso nos mostra que a idéia inicial dos historiadores de apresentarem as ações religiosas de Akhenaton como uma “revolução religiosa”, na verdade teve início com seu pai e seu avô. Segundo alguns historiadores desde Amenhotep II, no século XV a.C, antecessor de Tutmés IV, já havia uma tentativa para enfraquecer a supremacia de Amon.¹²⁵

Akhenaton foi o primeiro a colocar um único deus a frente de todos os outros, tentando acabar com outros cultos. Por este motivo esta ação é defendida como um princípio do monoteísmo por pesquisadores como James Henrg Brearted, segundo Nicholas Reeves.¹²⁶ Mas essa ideia não é tão defendida pela historiografia atual. A atitude de Akhenaton de elevar uma divindade acima das outras não era nenhuma novidade, já que anteriormente outros faraós já teriam realizado feitos desse tipo. A grande inovação nas reformas de Akhenaton foi sua possível tentativa de acabar com outros cultos.¹²⁷

O deus Aton possui três importantes características, que o diferenciava dos outros: o disco solar como sua representação; era a energia criativa do sol e possuía o rei como seu agente na terra.¹²⁸ Por esses aspectos o faraó passa a ser considerado o próprio deus, e não apenas um filho deste. Akhenaton era a própria representação de Aton na terra.¹²⁹

No início de seu reinado Akhenaton cultua Aton, mas não descarta os deuses tradicionais.¹³⁰ Ainda em Tebas o faraó constrói templos para o deus do disco solar e neles não se encontravam imagens ou monumentos para se cultuar. Akhenaton era a única

¹²² DAVID, Rosalie. *Religião e magia no Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 600p.

¹²³ JACQ. Op. cit. 238p.

¹²⁴ DAVID. Op. cit. 600p.

¹²⁵ DAVID. Op. cit. 600p.

¹²⁶ REEVES, Nicholas. *Akenaton, o renegado filho do sol*. BBC Revista História. *Egito e outras civilizações antigas*. edição nº 8, 2010. p.30-33.

¹²⁷ JACQ. Op. cit. 238p.

¹²⁸ DAVID. Op. cit. 600p.

¹²⁹ Idem. *Ibidem*

¹³⁰ JACQ. Op. cit. 238p

representação de Aton.¹³¹ Desse modo o Faraó recebia as oferendas em seu palácio. A figura do faraó e do deus eram assim unificada e somente pelo rei os devotos de Aton poderiam chegar a ele.¹³²

Outras duas cidades importantes eram Heliópolis e Menfis, com as quais Akhenaton mantinha boas relações com os sacerdotes, já que estes se interessavam pelo ideal solar do faraó.¹³³ Percebemos que havia um interesse político quanto ao aspecto territorial. No entanto a elevação ao culto de Aton não agrada aos sacerdotes de Amon-Rá, o que gera problemas para a política de Akhenaton.¹³⁴ Assim, no quinto ano de seu reinado o faraó teria declarado Aton como o único deus,¹³⁵ o que é debatido pelos pesquisadores de seu período, já que para alguns a supremacia de Aton não excluiu os outros deuses.¹³⁶ É nesse momento em que o faraó muda seu nome de Amenhotep IV (Amon está satisfeito) para Akhenaton (o espírito atuante de Aton).¹³⁷ Essa pode ser considerada uma atitude revolucionária se entendermos que, “para um antigo egípcio, o nome representa uma parte imortal do ser. Vive muito além do desaparecimento físico daquele que o usa. Contém uma energia espiritual que deve ser preservada de maneira que, percorrendo os ‘belos caminhos do outro mundo’, aquele que ressuscita preserve a sua identidade”¹³⁸, além de antes nenhum outro faraó ter mudado o nome de forma tão radical. Para alguns autores, mudando o nome de Amenhotep IV para Akhenaton o faraó reforçava a supremacia de Aton e negava Amon.¹³⁹ Desse modo o rei elevava assim a nova divindade e também o seu status. Outra medida tomada por Akhenaton foi a transferência da capital do país para outra região, onde fundou a cidade de Akhetaton¹⁴⁰ (Horizonte de Aton), conhecida hoje como Amarna ou Tel El-Amarna, onde agora se localizará o palácio do reino e os grandes templos dedicados ao deus.

¹³¹ DAVID. Op. cit. 600p.

¹³² JACQ. Op. cit. 238p

¹³³ Idem Ibidem

¹³⁴ SILVERMAN. Op. cit. p. 21 - 107

¹³⁵ DAVID. Op. cit. 600p.

¹³⁶ JACQ. Op. cit. 238p

¹³⁷ Idem. Ibidem

¹³⁸ Idem. Ibidem

¹³⁹ SILVERMAN. Op. cit. p. 21 - 107

¹⁴⁰ DAVID. Op. cit. 600p.

Para alguns historiadores Akhenaton muda a capital por uma perseguição aos sacerdotes tebanos que seguiam Amon,¹⁴¹ para outros pesquisadores é o clero tebano que rejeita o faraó.¹⁴² O que podemos supor é que os sacerdotes de Amon agora passariam a cultuar Aton, não como sacerdotes, já que Akhenaton é o único sacerdote de Aton.¹⁴³ Agora toda riqueza de Karnak pertence ao faraó, o único sacerdote do Egito, sendo assim, Akhetaton é a cidade que detém a riqueza e o poder econômico do país.¹⁴⁴

Segundo David P. Silverman os motivos de Akhenaton para uma mudança radical na estrutura religiosa ocorreram por ele estar

Ciente de um potencial considerável de conflito entre o monarca e os sacerdotes de Amon, cada vez mais poderosos, ele pode ter apressado o advento de uma nova religião, devotada exclusivamente a Aten, como uma maneira de suplantiar o poder dos sacerdotes e do culto de Amon. Temores reais das relações entre “Estado e Igreja” provavelmente não eram sem fundamento, uma vez que os faraós do fim da 20ª Dinastia disputavam o poder com os sumos sacerdotes de Amon.¹⁴⁵

O mesmo autor nos mostra que esse novo culto gerou insatisfação ao povo egípcio, já que este novo culto acabou com antigas tradições religiosas, descaracterizando a morte e todos os aspectos positivos e negativos. Tais aspectos, mesmo os negativos, como a morte, eram importantes para a civilização egípcia pois eram símbolos da realidade da vida e dos temores de uma proximidade. Desse modo o Silverman demonstra que:

As pessoas certamente sentiram de maneira profunda a perda de seus deuses e doutrinas. Além disso, agora estavam privadas também da monarquia tradicional e da organização clerical que governara o país por milênios a fio. O que lhes era oferecido agora era um rei divino vivo, que renascia diariamente com o sol, que era um com Aten e com o cosmos, que era o centro e o mediador de tudo, a ordem e a vida. Essa substituição, porém, não foi aceitável para eles. A morte era excessivamente aparente e real, e as pessoas viam que o divino rei vivo também era mortal. Mas a morte era uma realidade que não tinha nenhum papel na nova teologia. Quando Akhenaton, o elo vivo com o

¹⁴¹ JACQ. Op. cit. 238p

¹⁴² Idem. Ibidem

¹⁴³ DAVID. Op. cit. 600p.

¹⁴⁴ Idem. Ibidem

¹⁴⁵ SILVERMAN. Op. cit. p.94.

poder supremo, deixou de existir, a nova religião não pôde sobreviver.¹⁴⁶

Analisaremos agora os dois hinos em devoção ao deus Aton, o hino menor e o grande hino. Para efetuarmos a análise tomaremos como base a tradução de Christian Jacq no livro *Nefertiti e Akhenaton: O casal solar*¹⁴⁷ e perceberemos pontos fundamentais da autoridade do atonismo. Veremos primeiro algumas passagens que indicam essa autoridade no hino menor.

De início o hino diz: “Ó Aton vivente, senhor eterno, tu és esplendido quando te ergues! Tu és esplendoroso, perfeito, poderoso.”¹⁴⁸. Neste primeiro momento percebemos que o hino se refere ao surgimento do disco solar, e como ele é visto como o mais, belo, esplendoroso, perfeito e mais poderoso dos deuses. Em seguida, percebemos que Aton é o criador de tudo, ele criou sua própria forma e tudo o que está na terra: “Deus venerável que se fez a si próprio, que criou cada terra e que nela se encontra, todos os homens, os rebanhos e o gado, todas as árvores que crescem do solo, vivem quando apareces para eles, tu és o pai e a mãe de tudo o que criaste.”¹⁴⁹

O hino segue e são pronunciadas as seguintes palavras:

Vivemos quando brilhas, todas as regiões estão em festa. Cantores e músicos criam a alegria no pátio da capela da pedra erguida [o benben] e em todos os templos de Akhetaton, o lugar da precisão no qual te regozijas. Nos seus centros são oferecidos alimentos. O teu venerado filho pronuncia as tuas orações, ó Aton, que vives nas suas aparições.¹⁵⁰

O que entendemos aqui é que quando o sol esta no céu, a terra festeja e os homens demonstram sua alegria na terra majestosa, que é Akhetaton, onde o deus Aton se mostra contente. E quem pronuncia as orações do deus é o filho, neste caso o faraó Akhenaton.

Ao final do hino menor o que podemos ver é a afirmação do faraó Akhenaton como o filho de Rá e Aton, ou seja, ele não nega a força do deus sol Rá, tendo Aton como uma de

¹⁴⁶ Idem. Ibidem. p. 107.

¹⁴⁷ JACQ, Op.cit. pp. 108 – 117.

¹⁴⁸ Idem. Ibidem. p. 108.

¹⁴⁹ JACQ, Op.cit. p. 108

¹⁵⁰ Idem. Ibidem

suas formas, mas essa forma tem um poder autônomo, independente de Rá. O hino mostra que a força e o poder do deus sol está presente em Akhenaton, o filho legítimo do deus:

A tua descendência é o teu filho venerado, o único de Ré [o rei]. O filho de Ré não cessa de exaltar a sua perfeição, Neferkheperuré, o único de Ré.

Sou o teu filho que te serve, que exalta o teu nome. O teu poder e a tua força estão fechados no meu coração. Tu és Aton vivente cujo símbolo perdura; criaste o céu longínquo para nele brilhar, para observar o que criaste.¹⁵¹

Observaremos agora o grande hino, que está registrado no tumulo do vizir, Ay.¹⁵² Iniciaremos a análise chamando a atenção para três conceitos básicos do grande hino. O primeiro se refere a supremacia de Aton como o grande criador, o único governante do céu e da terra. Sua presença no céu prova sua proteção e seu poder o caracteriza como criador de toda natureza e da humanidade:

Como são numerosos os elementos da criação,
Escondidos a nossos olhos,
Deus único sem igual.
Tu crias o universo segundo o teu coração-consciência,
Quando estavas sozinho.
Homens, rebanhos, animais selvagens,
Tudo o que vive sobre a terra,
Deslocando-se sobre os próprios pés,
Tudo o que esta nas alturas
E voa, asas estendidas,
Os países da Síria e do Sudão,
O país do Egito,(...)¹⁵³

O segundo conceito básico apresenta Aton como o criador de tudo o que existe, e é ele quem dá a humanidade, luz, calor e água:

Tu colocas cada homem na sua função,
Tu outorgas-lhe o que lhe convém.
As línguas são múltiplas
Na sua forma de se exprimirem,
Os seus caracteres são diferentes,
A cor da pele é distinta,

¹⁵¹ Idem. Ibidem. p. 109

¹⁵² O original do “Grande Hino” encontrasse em anexos ao final do trabalho.

¹⁵³ JACQ, Op.cit. p. 113

Tu diferenciaste os povos estrangeiros.
 Tu criaste um Nilo no mundo inferior,
 Tu fá-lo surgir segundo a tua consciência
 Para dar vida aos homens do Egito,
 Da mesma forma que o fizeste para ti mesmo.¹⁵⁴

O terceiro caracteriza a natureza do deus, onde este não se apresenta em uma forma material, sua única forma física é o faraó Akhenaton:

O universo vem ao mundo sobre a tua mão,
 Como tu o crias.
 Ergues-te,
 Ele vive,
 Deitas-te,
 Ele morre.
 Tu és a extensão durável da vida,
 Vivemos de ti.¹⁵⁵

Continuemos a análise do grande hino, e vejamos algumas passagens que podem caracterizar a supremacia do deus Aton representada pelo faraó Akhenaton. Quando vemos no hino a seguinte passagem:

Apareces na perfeição da tua beleza,
 No horizonte do céu,
 Disco vivente,
 Criador de vida;
 Elevas-te no horizonte a oriente,
 Enches cada região com tua perfeição.
 (...)
 Tu és o principio solar (Ré)
 Reges o país até aos seus limites,
 Ligá-los através do teu filho que amas.¹⁵⁶

Notamos que neste momento o hino se refere ao nascer do sol, a aparição do disco solar, ou seja, o surgimento do deus Aton, criador de toda forma de vida, no céu, iluminando todas as regiões com sua perfeição. E mais a frente ele demonstra que o deus é o principio solar, ou seja, ele é parte ou o próprio Rá, quem direciona o Egito através do seu filho, ou seja, através do faraó Akhenaton.

¹⁵⁴ Idem. Ibidem.

¹⁵⁵ JACQ, Op.cit. p. 116.

¹⁵⁶ JACQ, Op.cit. p. 110.

Outro trecho do hino nos mostra o por do sol, ou seja, o anoitecer. Esse era o descansar do deus Aton, e, segundo o hino, era semelhante a morte:

Deitas-te no horizonte ocidental,
 O universo está nas trevas, como morto.
 Os homens dormem nos seus quartos,
 Cabeça tapada,
 Ninguém reconhece o irmão.
 Roubemos-lhe os bens debaixo da cabeça,
 Não se apercebe de nada.
 Todos os leões saem dos seus covis,
 Todos os répteis mordem.
 O mundo gira em silencio,
 E a mais profunda treva,
 O seu criador repousa no horizonte.¹⁵⁷

A morte está na representação do por do sol e do descansar dos homens. Eles descansam por estarem desprotegidos com repousar do criador. Mas na parte seguinte notamos que o ressurgir do deus no céu, iluminando o duplo país, faz com que os homens se levantem, protegidos pelo poderoso Aton:

Tu [Aton] ergues-te pela Alba, horizonte,
 Raias, disco solar no dia,
 Dissipas as trevas, expandes os teus raios.
 O duplo país está em festa,
 Os homens acordam,
 Erguem-se sobre os seus pés,
 És tu quem faz que eles se levantem.¹⁵⁸

No parágrafo seguinte veremos que o principio solar é o responsável pela origem da vida, ou seja, o deus sol é o responsável por dar vida a todos os seres da terra:

Tu fazes com que o embrião nasça dentro das mulheres
 Tu produzes a semente dentro do homem,
 Tu dás vida ao filho no seio materno,
 Tu dás-lhe a paz
 Com o que pára as lágrimas.
 Tu és a ama-de-leite
 Do que ainda se abriga no seio,
 Tu dás constantemente o sopro
 Para conferir vida a todas as criaturas.¹⁵⁹

¹⁵⁷ Idem. Ibidem.

¹⁵⁸ Idem. Ibidem. p. 111.

O principio solar é responsável pela harmonia do mundo, é ele quem regula as estações para que todas as suas criações possam se desenvolver. O hino nos expõe claramente que o disco é apenas uma forma do seu poder, e mesmo assim permanece em sua unidade:

Os teus raios amamentam todos os campos,
 Tu ergues-te,
 Eles vivem, crescem para ti.
 Tu regulas harmoniosamente as estações,
 Desenvolves todas as criações.
 O inverno tem por função dar a frescura,
 O calor fazer com que os homens te apreciem.
 Tu crias o sol ao longe,
 Ergues-te nele,
 Beijas com o olho toda a criação,
 Tu continuas na tua Unidade.
 Ergues-te
 Na tua forma de disco vivo,
 Que aparece e resplandece,
 Que está longe,
 Que está próximo,
 Tu retiras eternamente
 Milhões de formas a partir de ti mesmo,
 Continuas na tua Unidade.¹⁶⁰

O hino nos mostra que ninguém conhece o deus Aton além de Akhenaton, o faraó, que se dizia filho do deus, de quem o faraó recebe todo conhecimento e poderes:

Nenhum dos que engendras te vê,
 Tu resides no meu coração.
 Não existe outro que te conheça,
 Com exceção do teu filho Akhenaton,
 Tu dás-lhe conhecimento dos teus projetos,
 Do teu poder.¹⁶¹

Ao final do hino vemos que Akhenaton e Nefertiti foram os primeiros a beneficiar a criação, desse modo seriam os responsáveis por ela. Compreendemos que o surgir do sol, e a ordem do universo por ele composta, acontece para o rei do Egito:

Ao teu acordar, fazes crescer todas as coisas para o faraó;
 O movimento apodera-se de cada perna,
 Pões em ordem o universo,

¹⁵⁹ JACQ, Op.cit. p. 112.

¹⁶⁰ Idem. Ibidem. p. 114.

¹⁶¹ Idem. Ibidem. p. 115.

Fá-lo surgir para teu filho,
 Proveniente do teu ser,
 O rei do alto e do baixo Egito,
 Que vive da harmonia universal,
 O senhor do duplo país,
 Filho de Ré,
 Que vive da harmonia universal,
 Senhor das coroas,
 Akhenaton, que a duração da sua vida seja grande!
 Que sua grande esposa que ela ama,
 A senhora do duplo país,
 Nefertiti,
 Viva e rejuvenesça,
 Para sempre, eternamente.¹⁶²

Pela análise de ambos os hinos, podemos perceber semelhanças, e dizer, de forma hipotética, que o hino menor é uma afirmação do grande hino. Pelas considerações dos hinos podemos dizer que o deus Aton apresenta três formas: a primeira era a forma do disco solar, produtor de luz e calor; a segunda é sua força de vida que se manifesta em toda a criação; a terceira é o faraó Akhenaton, que seria o próprio Aton na forma humana.¹⁶³ A partir desta última característica, para muitos historiadores, Akhenaton era o próprio deus na terra, o que impedia a formação de um corpo sacerdotal.¹⁶⁴

As idéias seguidas pelo culto a Aton não são inovadoras, já apareciam em cultos anteriores, como no culto a Amon, por exemplo, quando é elevado a deus supremo carrega propriedades de Rá, o deus sol.¹⁶⁵ Logo, as principais características do culto a Rá estão presentes no culto a Amon e a Aton. Sendo assim, o deus do disco solar pode ser visto então como uma manifestação de Rá. Mas muitos historiadores apresentam uma conclusão que acreditam ser inquestionável sobre Akhenaton ter sido o “inventor do monoteísmo”¹⁶⁶

No Egito antigo o faraó detém o papel de governante, ritualista, sábio, e no caso de Akhenaton, o único sacerdote.¹⁶⁷ Seu dever era transmitir a espiritualidade de Aton, vejamos então uma passagem dessa transmissão: “Como prospera aquele que escuta o meu

¹⁶² JACQ, Op.cit. p. 116

¹⁶³ DAVID. Op. cit. 600p.

¹⁶⁴ Idem. Ibidem

¹⁶⁵ SILVERMAN. Op. cit. p. 21 - 107p.

¹⁶⁶ DAVID. Op. cit. 600p.

¹⁶⁷ SILVERMAN. Op. cit. p. 21 - 107p.

ensinamento vital, aquele que ergue sempre o seu olhar para Aton. Cada um é o servo que escuta o meu ensinamento, o meu coração está satisfeito com toda a tarefa que tu executas para mim”.¹⁶⁸

Hoje a historiografia discute se os motivos de Akhenaton foram políticos ou religiosos. Em uma discussão inicial acredita-se que o faraó foi o primeiro a revelar o monoteísmo solar, mas novos estudos buscam analisar as ações de Akhenaton como uma oportunidade de acabar com o poder de Amon-Rá e de seu sacerdote para restabelecer o poder real.¹⁶⁹ Assim seu objetivo era dar continuidade as idéias de seu avô Tutmés IV, e seu pai Amenhotep III, e reduzir os poderes de Amon-Rá.¹⁷⁰

Para Bruce Trigger, segundo Christian Jacq, Akhenaton não buscou estabelecer uma doutrina monoteísta, não possuía interesses políticos quando eleva Aton como deidade suprema. De fato não há como provar se as intenções do faraó solar eram políticas ou religiosas, ou ambas, mas o ato de igualar o rei a um deus, nesse caso ele mesmo, pode demonstrar um interesse político em suas ambições. Akhenaton era então o único elo entre a humanidade e o deus.¹⁷¹

Mas impossibilidade de se separar política e religião entre os egípcios na antiguidade nos levam à hipótese de que provavelmente Akhenaton buscou alcançar seus interesses políticos pelo viés religioso, já que a política se movia juntamente com a religião.

¹⁶⁸ JACQ, Op.cit. p.131

¹⁶⁹ JACQ, Op.cit. 238p.

¹⁷⁰ Idem. Ibidem

¹⁷¹ Idem. Ibidem

5 CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho podemos compreender um pouco melhor sobre os motivos que levaram Juliano a retomar os cultos pagãos, negando, segundo alguns autores, o cristianismo. Mas a principal questão a qual procuramos resposta se refere aos objetivos de Juliano, quais eram seus objetivos ao retomar os cultos pagãos? Quais eram suas metas políticas e religiosas?

Vimos que muitos autores apresentam Constantino como um Imperador cristão,¹⁷² entretanto devemos questionar se tal afirmação é legítima. Se partirmos do ponto de que uma pequena parcela da população naquele período era formada por cristãos,¹⁷³ dificilmente afirmaríamos que Constantino foi um cristão. Outra questão que contrapõe essa afirmação é a de que Constantino não proibiu os cultos pagãos, e elaborou moedas com imagem do deus Invictus. (ver em anexo a figura 3 na página 36)

Mas não devemos nos esquecer que neste período o Império está em declínio, portanto podemos aceitar, de forma hipotética, que havia um interesse político por parte de Constantino quando decreta liberdade aos cristãos, pois mesmo representando uma pequena parcela da população, o cristianismo estava crescendo no Império, e ao elaborar o Édito de Milão em 313 d.C., Constantino permite que os cristãos se desenvolvam ainda mais. Constantino buscava dessa maneira, reunificar o Império e reergue-lo.

Quando os historiadores analisam a possível conversão de Constantino, apresentam sua família sendo criada dentro dos costumes cristãos, sendo assim, Juliano, que pertencia à família de Constantino, teria sido criado nos ensinamentos de uma doutrina cristã. Logo, quando Juliano retoma os cultos pagãos é tido como um Apostata, negando sua fé anterior. Todavia parte da historiografia acredita que essa denominação está incorreta, já que Juliano quando criança não seguia fervorosamente os costumes cristãos para renegá-los.¹⁷⁴

Ora se avaliarmos mais a fundo o que vimos nos capítulos anteriores, veremos que Juliano não nega suas tradições, mas sim as afirma e busca colocá-las em prática, segundo os

¹⁷² HEIM. Op.cit . p.60

¹⁷³ CESARÉIA. Op. cit. 416p

¹⁷⁴ SMITH. Op.cit. 300p.

ensinamentos de sua juventude na escola neo-platonica¹⁷⁵ onde o Imperador pagão afirma suas raízes nas antigas religiões do Império.

Juliano buscava inspiração nos antigos Imperadores que cultuavam as religiões orientais, que como já vimos estavam presentes antes mesmo do Império de Augustus. Juliano buscava retomar antigas tradições, nas quais ele fora influenciado. Para ele esses eram os bons tempos do Império Romano.

É importante notar, com base no que já foi lido, que por mais que Juliano tenha se empenhado em retomar as tradições pagas, não há relatos de perseguição, ao menos em grande escala, aos cristãos.

Vimos que essas tradições orientais estavam a muito tempo presentes em Roma e sendo parte de sua religião, e que a política de Juliano estava associada ao período do Império que conhecemos como Dominato, ou seja, o momento em que o Imperador passa a deter todos os poderes do Império.

Quando analisamos o Hino ao Rei Helios elaborado por Juliano, percebemos algumas características de sua política religiosa. No momento em que ele nos apresenta o deus Helios a frente das outras divindades, ele apresenta um poder central do deus Sol, fazendo com que todos os outros deuses ajam em função de Helios. O deus Sol é o responsável, segundo o Imperador, por iluminar todos os outros deuses, e por dar-lhes a luz da inteligência.

Talvez a principal identificação da política de Juliano com o Hino possa ser percebida quando ele apresenta que todo ensinamento de Hélios foi dado a ele, e que o Imperador era o responsável por exercer as funções do deus central, na terra, pois é através desses ensinamentos que Juliano pode “prosperar em seus negócios humanos e divinos”.¹⁷⁶ Desse modo o Imperador afirma suas funções e seus feitos a partir de uma ideologia divina, ou seja, ele realiza apenas o que o deus ordena.

Para ampliar a análise do culto Solar o trabalho retoma o período do Faraó Akhenaton no Egito, não com o intuito de compará-lo com Juliano, mas apenas demonstrar que não seria a primeira vez na história, que um soberano utilizou o culto Solar para caracterizar seu poder.

¹⁷⁵ SMITH. Op.cit. 300p.

¹⁷⁶ WRIGHT. Op. cit. p. 431.

No caso de Juliano ficar apenas no campo da hipótese, já que ele morreu cedo, governou por um período curto.

Desse modo podemos responder, mesmo que hipoteticamente, a questão apresentada no início do capítulo de que Juliano estaria buscando afirmar o poder político através do poder religioso, centralizando todos os poderes do Império em suas mãos. Em outras palavras, Juliano buscava transformar o Império em uma monarquia religiosa.

6 BIBLIOGRAFIA

ALFÖLDY, Géza. História Social de Roma. 3ª Ed. Madri: Alianza Editorial. 1996. 300p.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. História da Vida Privada: Do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das letras. 2009. v.1. 648p.

AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine. *A civilização Egípcia*. In: História Geral das Civilizações: o oriente próximo e a Grécia Antiga. Civilizações Imperiais do Oriente. 6ª. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977. v.1 p. 15 – 113.

BASLEZ, Marie-France. *Juliano, a esperança dos pagãos*. Arquivos História Viva, volumen 5: os melhores artigos sobre Roma / Liliana Pinheiro. Rio de Janeiro: Duetto, 2009. p. 61 – 64.

BERRENS, Stephan. SonnenKult und Kaisertum Von den Severern bis zu Constantin I. (193 – 337 n. Cr). Stuttgart: Franz Steiner Verlag. 2004. p.285.

BOATWRIGHT, Mary T, GARGOLA, Daniel J, TALBERT, Richard, J. A. The Romans: From Village to Empire. New York: Oxford University Press. 2004. 516p.

BROWNING, Robert. The Emperor Julian. California: University of California Press. 1978. 280p.

BURKERT, Walter. Antigos cultos de mistério. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. 144p.

CARDOSO, Ciro. O Egito Antigo. São Paulo: Brasiliense s.a. 115p.

CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia. 5ª Ed. Rio de Janeiro: CAMPUS. 1997.

CESARÉIA, Eusébio. História Eclesiástica. São Paulo: Novo Século, 2002. 223p

CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações: Roma e seu Império. As Civilizações da Unidade Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. v.4. 1993. 422p.

CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações: Roma e seu Império. A Ásia Oriental do início da era Cristã ao fim de século II*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. v.5. 320p.

DAVID, Rosalie. *Religião e magia no Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 600p.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes. 1992. 109p.

FARRINGTON, Benjamin. *La Civilización de Grecia y Roma*. Buenos Aires: Siglo Veinte. 1979. 148p.

GARCÍA, Paloma A. *Religión y Política Religiosa Del Emperador Caracalla*. Espanha. Universidad Complutense.2003

GIBBON, Edward. *Declínio e Queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras: Circulo do Livro, 1989. 506p.

GILLARD, Jaques. *Roma. Esplêndida decadência*. Arquivos História Viva, volumen 5: os melhores artigos sobre Roma / Liliana Pinheiro. Rio de Janeiro: Duetto, 2009.

GRIMAL, Pierre. *História de Roma*. Unesp, 2011. 176p.

GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. São Paulo: Edições 70. 1999. 176p.

GRIMAL, Nicolás. *Historia Del Antiguo Egipto*. Madri: Akal Ediciones. 1996. 556p.

HEIM, François. *Constantino e o Cristianismo*. Arquivos História Viva, volumen 5: os melhores artigos sobre Roma / Liliana Pinheiro. Rio de Janeiro: Duetto, 2009. p.60

JACQ, Christian. *Nefertiti e Akhenaton: o casal solar*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p.238.

NOCK, A. D. *Religious Development from The Close of The Republic to The Death of Nero*. In: *The Cambridge Ancient History: The Augustan Empire 44 B.C. – 70 A.D.* Volume X. 2ª ed. London: Cambridge. 1952. P. 465 – 511.

PRICE, S. R. F. *Rituals and Power: The Roman imperial cult in Asia Minor*. Londo: Cambridge University Press. 289p.

REDFORD, Donald. B. *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press. 2001. 586p.

REEVES, Nicholas. *Akenaton, o renegado filho do sol*. BBC Revista História. *Egito e outras civilizações antigas*. edição nº 8, 2010. p.30-33.

RIBEIRO JR, Wilson Alves. Hélio, Deus Sol. In; *Hinos Homéricos*. São Paulo: Editora Unesp. 2010. P.368 – 381

SANDMAN, Maj. *Tomb of Eje. West Thikness*. In *Bibliotheca Aegyptica. Texts from the time of Akhenaten*. Volume VIII. Fondation Égyptologique Reine Élisabeth. Bruxelles, 1938. pp. 93 – 96.

SHAFER, Byron E. *As religiões no Egito antigo: deuses, mitos e rituais domésticos*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

SMITH, Rowland. *Julian's Gods: Religion and philosophy in the thought and action of Julian the Apostate*. London and New York: Routledge, 1995. 300p.

WRIGHT, Wilmer C. *Hymn to King Helios. Dedicated to Sallust*. In: *The Works of the Emperor Julian*. London: Willian Heinemann. New York: The Macmillan CO. p. 353 – 457.

7 ANEXOS



Abb.13: Antoninian, 278/79

SOLI IN-VICTO
Sol in Quadriga frontal
(Siscia, Probus)

Figural: Vemos a imagem do deus Sol Invictus na carruagem de Helios. Moeda do período do Imperador Probus (276 – 282 d. C.).¹⁷⁷

¹⁷⁷ BERRENS, Stephan. *SonnenKult und Kaisertum Von den Severern bis zu Constantin I. (193 – 337 n. Cr)*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag. 2004. p.285.



Abb.14: Antoninian, 278
SOLI I-NVIC-TO
Sol in Quadriga links
(Rom, Probus)

Figura 2: Vemos novamente a figura do deus sol Invictus, associada a figura de Helios. Moeda do período do Imperador Probus (276 – 282 d. C.).¹⁷⁸

¹⁷⁸ BERRENS. Op. cit. p. 285.



Figura 3: Busto de Constantino ao lado do deus Sol Invictus. ¹⁷⁹

¹⁷⁹ HEIM. Op.cit . p.60

Vemos na página anterior o original do Grande Hino a Aton em hieróglifo, presente no livro *Texts from the time of Akhenaten*.¹⁸⁰ O texto aparece dividido em 13 estrofes entre as páginas 93 e 96.

¹⁸⁰ SANDMAN, Maj. *Tomb of Eje. West Thikness*. In *Bibliotheca Aegyptica. Texts from the time of Akhenaten*. Volume VIII. Fondation Égyptologique Reine Élisabeth. Bruxelles, 1938. pp. 93 – 96.